

A CONSTRUÇÃO DE UM METAPARADIGMA PARA A CIÊNCIA ECONÔMICA: UMA PROPOSTA DE *FRAMEWORK* PLURALISTA

Marcelo de Carvalho Azevedo Anache¹

RESUMO:

A partir da ocorrência dos apelos por uma Economia pluralista há mais de quatro décadas e das dificuldades encontradas para sua concretização, dadas às ambiguidades sobre o que exatamente se entende por esse conceito, esse artigo busca, através de um *framework* demonstrar como um metaparadigma pluralista pode solucionar essa incipiência. Os caminhos para a sua concepção passam pela análise das dimensões paradigmáticas das escolas de pensamento neoclássica, pós-keynesiana e evolucionista. Com base nessa perspectiva se pretende justificar um procedimento descritivo para o termo paradigma, além de elaborar um cabedal do potencial de pensamento pluralista para a pesquisa científica. Em suma, a abordagem através de um metaparadigma pluralista demonstra que é possível substituir as idiosincrasias específicas de um paradigma à la Kuhn por princípios pluralistas.

Palavras-chaves: Metaparadigma; Pluralismo; Framework.

THE CONSTRUCTION OF A METAPARADIGM FOR ECONOMIC SCIENCE: A PROPOSAL FOR A PLURALIST FRAMEWORK

ABSTRACT:

From the occurrence of calls for a pluralist economy more than four decades ago and the difficulties encountered in its implementation, given the ambiguities about what exactly is meant by this concept, this article seeks, through a framework, to demonstrate how a pluralist metaparadigm can resolve this incipient. The paths to its conception pass through the analysis of the paradigmatic dimensions of the neoclassical, post-Keynesian and evolutionist schools of thought. Based on this perspective, it is intended to justify a descriptive procedure for the term paradigm, in addition to elaborating a background of the potential of pluralistic thinking for scientific research. In short, the approach through a pluralist metaparadigm demonstrates that it is possible to replace the specific idiosyncrasies of a paradigm à la Kuhn with pluralist principles.

Keywords: Metaparadigm; Pluralism; Framework.

Data da submissão: 31-07-2023

Data do aceite: 12-04-2024

INTRODUÇÃO

Debates sobre pluralismo na Economia frequentemente sofrem de uma ambiguidade de termos e conceitos. Assim, para evitar mal-entendidos, tomam-se como ponto de partida as colocações de Mäki (1997) no sentido de distinguir os termos pluralidade e pluralismo. A pluralidade é entendida como uma categoria descritiva que relata a multiplicidade de um item. Já o pluralismo se refere a uma afirmação prescritiva e não descritiva: é uma teoria ou princípio que justifica ou legitima ou prescreve uma pluralidade de itens de algum tipo.

Tanto a natureza do pluralismo quanto o papel concreto atribuído ao pensamento pluralista para o desenvolvimento da Economia, ainda passam por diversos entendimentos onde, em certos momentos a cobrança se dirige para a falta de fundamentos conceituais amplamente aceitos. Apelos por reforma e pluralismo parecem ter se intensificado nos últimos anos, provavelmente devido à uma certa perda de hegemonia da Economia Neoclássica no final da última crise financeira global (se tornado mais vulnerável às críticas internas e externas das heterodoxias), e também a um crescente número de dissidentes dentro da corrente econômica dominante (COLANDER; HOLT; ROSSER, 2004).

¹ Doutor em História pela UFRJ / Professor Auxiliar - Centro Universitário IBMR. Contato: E-mail: anache1976@gmail.com

Em conformidade com Larue (2022), após uma análise de vários exemplos de interações entre teorias e métodos econômicos concorrentes, o que justifica o pluralismo são seus benefícios epistemológicos. Assim sendo, ao pressionar continuamente os economistas a refinar suas teorias, ao desafiar suas visões de mundo aceitas e ao trazer novos fatos e novos problemas para resolver, o pluralismo pode melhorar significativamente o estado da economia.

É neste contexto que enxerga-se a necessidade de um quadro que permita o pluralismo na práxis de pesquisa, independente do contexto paradigmático. A ideia central de um *framework* pluralista à partir de um metaparadigma, portanto, apela não apenas à economistas heterodoxos ou dissidentes, mas, de fato, a todos aqueles que estão insatisfeitos com o domínio institucional e conceitual da Economia Neoclássica.

A ideia, portanto, está na criação de um metaparadigma pluralista ao invés de um pluralismo de paradigmas, pois é através de um esforço de interação construtiva entre diferentes tradições teóricas que é factível levar adiante uma proposta pluralista, inclusive, estabelecendo um concorrente paradigmático único ou unificado para a Economia Neoclássica.

O presente artigo apresenta o arcabouço de construção do metaparadigma pluralista, bem como a possibilidade de contribuir para a disseminação de sua prática, auxiliando como uma diretriz para a organização da pesquisa econômica para escolas de pensamento não-neoclássicas (heterodoxas), em particular, assim como para os debates econômicos travados com as distintas escolas de pensamento em geral. Em essência, essa proposta procura desenvolver a substituição dos critérios de demarcação, tradicionalmente invocados entre diferentes tradições econômicas, por um conjunto de princípios pluralistas um tanto ou quanto ecumênicos.

A partir dessa perspectiva se pretende justificar um procedimento descritivo para o termo paradigma, além de elaborar um cabedal do potencial de pensamento pluralista para a pesquisa científica. Em suma, a abordagem através de um metaparadigma pluralista demonstra que é possível substituir as idiosincrasias específicas de um paradigma à la Kuhn por princípios pluralistas.

Para apresentar e discutir as possibilidades da operacionalização de um metaparadigma pluralista, o artigo está estruturado em três seções, além desta introdução. A primeira seção mostra um recorte histórico dos movimentos pluralistas, desde a segunda metade do século XX até os anos mais recentes. A segunda seção enfatiza como a concepção do termo paradigma poder ser tratado a partir de uma perspectiva descritiva e, com isso, permitir a comparação de diferentes escolas da Economia ao longo de diversas dimensões paradigmáticas. A terceira seção se destina a construção do metaparadigma pluralista, lançando mão de um *framework* com três escolas de pensamento: neoclássica, pós-keynesiana e evolucionista. Por fim, apresentam-se as considerações finais, com a menção às limitações e sugestões para futuras pesquisas pertinentes ao tema.

2. UMA TENTATIVA DE PLURALIDADE E SUAS PERSPECTIVAS PARA O PLURALISMO

Na introdução do livro *Economic Pluralism*, editado por Robert Garnett, Erik Olsen e Martha Starr, em 2010, os autores descrevem um relato com demarcações históricas sobre as disputas entre o monismo da teoria econômica *mainstream*, onde imperava a modelagem formal, o teste econométrico e o raciocínio hipotético-dedutivo e um pluralismo com fronteiras bem delimitadas, caracterizado por dois grupos de dissidentes, denominados como pluralistas de primeira onda e pluralistas de segunda onda.

Os pluralistas de primeira onda eram liderados por austríacos, marxistas, rraffianos, pós-keynesianos, institucionalistas e novos clássicos. Esses teóricos, como Desai, Steedman, Kregel, Eichner e Tool, para citar alguns, na década de 1970 e no início dos anos 80, desenvolveram alternativas paradigmáticas às ortodoxias micro e macroeconômicas prevaletentes, perseguindo uma estratégia de disputa científica com a ciência dominante no contexto econômico. Essas críticas foram construídas em torno de uma variedade de escolas heterodoxas de pensamento, amplamente desinteressadas uma pela outra. Mais especificamente, essas críticas eram monistas, na busca de alternativas autônomas à teoria *mainstream*. No entanto, eles também eram pluralistas, pois lutavam contra a “semente” do movimento modernista da unicidade da ciência, já que pugnavam pela verdade e por um método contestável na pesquisa econômica. Portanto, seus diversos projetos heterodoxos foram considerados como uma primeira onda de pluralismo na Economia Contemporânea.

No início da década de 1990, no entanto, a insatisfação com essa *gestalt* de pensamento kuhiano originou um novo gênero de pluralismo, onde tolerância, diálogo ativo e aprendizado mútuo, auxiliaram no

engajamento de noções mais integradas e pós-kuhnianas de pluralismo. Dessa insatisfação, surgiram os pluralistas de segunda onda com trabalhos pós-positivistas sobre ontologia e epistemologia econômicas, que haviam florescido na década de 1980. Dentro dessa perspectiva filosófica se inclui o trabalho de pragmáticos, pós-modernistas, marxistas e pós-marxistas, keynesianos e pós-keynesianos, feministas, realistas, hermenêuticos, institucionalistas, pós-estruturalistas, e outros, como por exemplo, McCloskey, Amariglio, Mäki, Dow, Samuels e Lawson.

Portanto, esta insatisfação com a noção de ciência como construção de um império ou de uma experiência paradigmática, uma visão monista atribuída a muitos economistas do *mainstream*, bem como a crítica em relação aos pluralistas da primeira onda, fez surgir os pluralistas da segunda onda.

Essa estrita justaposição de pluralismo de primeira e segunda onda é, naturalmente, estilizada por Garnett, Olsen e Starr (2010). Muitos economistas hoje, se identificariam com elementos-chave de ambas as perspectivas. No entanto, as características epistemológicas do pluralismo de primeira e segunda onda são suficientemente divergentes para justificar uma distinção. Os pluralistas da primeira onda dão grande valor à autossuficiência paradigmática. Seu ideal é a escola de pensamento analiticamente unificada e autossuficiente, cujos praticantes não precisam se engajar em diálogos acadêmicos além dos limites de sua própria tradição. Os pluralistas da segunda onda, em contraste, aspiram a um pluralismo milenar: uma valorização positiva de uma diversidade de visões no sentido mínimo de que aquele que está tão comprometido, não gostaria de reduzir o número de narrativas ou visões disponíveis. Nessa perspectiva, o valor da conversação interparadigmática nunca termina, uma vez que não existe possibilidade, mesmo em princípio, de que “(...) qualquer escola possa possuir soluções finais ou totais (...)” (FULLBROOK, 2003, p. 8, tradução nossa).

Esse tipo de pluralismo pós-kuhniano ganhou maior visibilidade quando Geoffrey Hodgson, Uskali Mäki e Donald McCloskey publicaram uma petição na *American Economic Review* em 1992, requerendo um novo espírito de pluralismo na Economia, envolvendo conversas críticas e comunicação tolerante entre diferentes abordagens e exigindo que este novo pluralismo fosse refletido no caráter do debate científico, na gama de contribuições em seus periódicos e na formação e contratação de economistas.

Em seguida, no ano de 1993, Hodgson, e vários outros economistas criaram um consórcio internacional, o ICARE (Confederação Internacional de Associações para a Reforma da Economia), para servir como uma voz institucional para o novo pluralismo. Em 2000, já com o nome alterado para ICAPE (Confederação Internacional de Associações para o Pluralismo na Economia) se uniu à Associação Britânica de Economia Heterodoxa, a revistas pluralistas como a Revista de Economia Política e organizações pluralistas como a Associação Europeia para Economia Política Evolucionária - todas criando novos espaços de diálogo e colaboração entre escolas de pensamento, anteriormente segregadas (SENT, 2006).

Esse novo pluralismo recebe um apoio adicional nos anos de 2000 e 2001, quando uma série de petições de jovens economistas na França, no Reino Unido, nos Estados Unidos e na Itália estimulou o movimento internacional da Economia Pós-Autista (PAE). Esse movimento, liderado por estudantes, exigia uma Economia mais aberta e científica, guiada por um pluralismo de princípios filosóficos:

[um pluralismo] que considera as várias “escolas” de Economia, incluindo o neoclassicismo, como oferecendo diferentes janelas sobre a realidade econômica, cada uma trazendo à luz diferentes subconjuntos de fenômenos econômicos... [e] rejeita a ideia de que qualquer escola poderia possuir soluções finais ou totais, mas aceita todos os meios possíveis para entender os problemas econômicos da vida real. (FULLBROOK, 2003, p. 8–9, tradução nossa)

O espírito pluralista do movimento PAE despertou estudantes e professores de Economia em todo o mundo, dando origem ao que Fullbrook (2003, p. 2) descreve como um “movimento de paz”, uma tentativa histórica de forjar a união entre economistas dissidentes que, apesar de ser uma minoria considerável e crescente, havia sido dividida em escolas de pensamento separadas. Sheila Dow concorda:

(...) o novo trabalho interessante entre os jovens estudiosos é de natureza sintética, explorando o meio termo entre as escolas de pensamento e desenvolvendo novas ideias como resultado da fertilização cruzada. (DOW, 2008b, p. 9, tradução nossa).

Os movimentos em prol do pluralismo também foram demandados pela classe estudantil. Um grupo criado mais recentemente foi o ISIPE (Iniciativa Internacional de Estudantes para o Pluralismo Econômico) em 2014. Essa organização é formada pela coalizão de 82 grupos de estudantes de Economia de 30 países. Conforme carta aberta assinada pelo ISIPE não seria apenas a economia mundial que estaria em crise, mas o

ensino da ciência econômica, onde suas consequências iriam muito além do âmbito acadêmico. Para esses estudantes o currículo da disciplina sofreu um estreitamento dramático nas últimas duas décadas e isso prejudica a habilidade dos formados de encontrar soluções para os novos desafios do século XXI – como a estabilidade financeira, a segurança alimentar e o aquecimento global. O ISIPE defende três tipos de pluralismo: teórico, metodológico e interdisciplinar.

Como observado, os apelos por reforma e pluralismo parecem ter se intensificado nos últimos anos, provavelmente devido ao abalo da Economia Neoclássica no curso da mais recente crise financeira global de 2008 e também a um número crescente de dissidentes dentro da corrente *mainstream* da Economia. Dessa forma, abordaremos em seguida o arcabouço de construção de um metaparadigma pluralista.

3. O ARCABOUÇO DE CONSTRUÇÃO DE UM METAPARADIGMA PLURALISTA

Conforme apresentado na introdução deste artigo, o objetivo é avançar no sentido de propor um metaparadigma pluralista, ou seja, a busca por uma interação construtiva entre diferentes tradições teóricas, para chegar a um conjunto melhorado e expandido de declarações explicativas relevantes para o desenvolvimento deste metaparadigma, através da utilização de um *framework*.

A partir da nebulosa conceitualização do que exatamente um paradigma é ou deveria ser, compreende-se que ou o termo é totalmente vazio, ou seu estado difuso na obra de Kuhn (2003 [1962]) se deve ao fato de que ele aborda uma série de aspectos distintos, mas conectados, em que todos são relevantes para o surgimento de determinadas áreas científicas como formas especiais de organização social. Assim sendo, Dobusch e Kapeller (2012) adotam uma perspectiva descritiva para o termo paradigma, deixando de lado as suas conotações epistemológicas (por exemplo, a proposição de que paradigmas diferentes são conceitualmente incomensuráveis) e levando em consideração a sua característica descritiva (por exemplo, indicando que cientistas de diferentes tradições utilizam terminologias distintas, o que pode explicar a falta de compreensão para um diálogo, conforme aponta Dow (2004)).

Em outras palavras, a existência de um paradigma em tal entendimento tem implicações sociais. Essa abordagem proposta leva a uma concepção persuasiva de “paradigmas”, uma vez que o termo perde suas implicações normativas e metodológicas, mas se torna um termo com uma perspectiva de tratamento dentro de uma análise social. Dessa forma, portanto, é possível subscrever uma compreensão do termo como um conceito meramente descritivo, caracterizando cientistas e suas percepções como socialmente embutidas em uma certa filosofia ocupacional, ou seja, onde a atividade científica está impregnada de *procedural knowledge à la Polany* (conhecimento que se baseia na ação), assim fundindo a ideia kuhniana de paradigma com *insights* da sociologia do conhecimento (BERGER; LUCKMANN, 1966).

Dessa forma, o termo “paradigma” não é de fácil compreensão, o que significa dizer que o mesmo pode gerar diferentes interpretações à partir dos aspectos sociais que integram uma determinada comunidade científica e, com isso determinar conjecturas divergentes entre pesquisadores que atuam em áreas distintas. Por via de regra, um paradigma científico abarca em suas proposições teóricas aspectos ontológicos e teleológicos, entre outros.

Portanto, os pesquisadores de escolas distintas compartilham à partir de uma dada dimensão paradigmática (ontologia epistemologia, metodologia, dentre outros) diversos estilos de pensamento.

Esses aspectos teóricos que implicam um conjunto compartilhado de dimensões paradigmáticas, por sua vez, dão origem a rotinas institucionais específicas. Estes são fenômenos emergentes, que surgem dos “estilos de pensamento” compartilhados, implementados pela perspectiva teórica comum dos praticantes de um paradigma (isto é, o “coletivo de pensamento” em Fleck (1979)).

É possível, então, compreender que essas rotinas estão caracterizadas como mecanismos sociais ou ainda códigos informais de conduta, que se fazem representadas por instituições, como por exemplo as organizações acadêmicas, representadas por determinados periódicos. Elas espelham determinados padrões acadêmicos, como critérios de avaliação para um dado argumento, bem como seus requisitos metodológicos.

Portanto, em função das perspectivas teóricas dos praticantes de diferentes paradigmas, estes podem não ser comensuráveis. Entretanto, como Dobusch e Kapeller (2012) propõem, é possível relaxar a noção de paradigma, e compreender a sua mudança não de maneira instantânea (uma revolução em termos kuhnianos), mas sim de uma forma incremental, aceitando que as dimensões paradigmáticas se modificariam aos poucos,

de modo a gerar um desenvolvimento evolucionário². Assim sendo, como forma de estimular o aparecimento de tendências mais pluralistas no pensamento econômico corrente, a ideia seria compreender os paradigmas como fenômenos essencialmente sociais.

Com relação ao posicionamento de um desenvolvimento evolucionário, cabe aqui uma discordância quanto às colocações de Dobusch e Kapeller (2012). Não é possível imaginar que a mudança em uma dimensão não geraria alterações nas outras dimensões de forma imediata, ou seja, seria inconcebível uma espécie de *coeteris paribus*, pois não iria condizer com a realidade.

Portanto, esse artigo pretende a partir dessa concepção de paradigma permitir a comparação de diferentes escolas da Economia ao longo de diversas dimensões. Assim sendo, o uso de um *framework* como instrumento de viabilidade do diálogo, facilitaria a consideração da “comensurabilidade” de diferentes paradigmas através de questões como: a) será que paradigmas diferentes se relacionam a partir do uso do *framework* como objeto de comparação?; b) seus pontos de vista teóricos ou implicações políticas conflitam, se complementam ou coincidem?; e c) a terminologia específica da teoria de um programa pode ser aceita pelos demais, a ponto de se construir um consenso? Esses questionamentos de alguma forma podem ser úteis para o objetivo mais amplo de se alcançar o diálogo no pensamento econômico.

4. FRAMEWORK PLURALISTA: A CONSTRUÇÃO DE UMA METAPARADIGMA ESTILIZADO

Utilizamos da conceituação de Popper (1994) para definir o que se entende por *framework*. Para este autor o *framework* é um arcabouço que abrange um conjunto de conceitos de base intelectual que permite a ação, podendo ser compreendido como um arranjo que detém elementos pertinentes ou, ainda, uma agregação de fundamentos e princípios orientadores que amparam um raciocínio.

Antes de apresentarmos a construção do metaparadigma a partir do *framework* pluralista, convém lembrar que boa parte da literatura sobre pluralismo na Economia tem buscado integrar as escolas de pensamento sob uma espécie de “guarda-chuva” pluralista comum. O que se percebe é um esforço para construir uma base intelectual comum para o desenvolvimento das pesquisas ou até mesmo a tentativa de integração da Economia Heterodoxa. Autores como Bigo e Negru (2008) propuseram reflexões ontológicas, já Dow (2004, 2008a) relata semelhanças metodológicas, e Colander, Holt e Rosser (2004), bem como Dequech (2007-2008), argumentam sobre mudanças no *mainstream*. Estas reflexões seriam pedras angulares comuns do pensamento heterodoxo e, portanto, serviriam como pilares fundamentais para a tentativa de uma Economia pluralista.

O que se pleiteia é que um metaparadigma pluralista possa sintetizar a diversidade conceitual e metodológica das abordagens dissidentes em uma estratégia de pesquisa comum. Assim, a ideia central por trás de tal metaparadigma pluralista é que as idiosincrasias específicas de um paradigma poderiam ser substituídas de forma consciente e sucessiva por princípios pluralistas. Portanto, o objetivo é que estes princípios possam ser formulados de maneiras não dogmáticas e ecumênicas e, portanto, adequados para contribuir e orientar futuras pesquisas econômicas. Entretanto, é preciso chamar a atenção para o fato de que o que se pretende com o metaparadigma não é um novo dogmatismo, pois como bem pontua Dow (2004) o dogmatismo e o pluralismo são ideias fundamentalmente antagônicas. De acordo com Dow:

Mais uma vez, o ponto de partida é um reconhecimento da diferença que pode ser construído a partir da comunicação – um exercício de hermenêutica. Assim, a crítica entre paradigmas é possível e pode ser frutífera. O incentivo para se envolver em tal comunicação é estar exposto a novas ideias, novos argumentos e novas perspectivas sobre o próprio paradigma (DOW, 2004, p.279, tradução nossa).

Também convém salientar, de forma preliminar à construção do metaparadigma, as razões científicas que subjazem o pluralismo na Economia, além de diferenciá-lo em três tipologias.

4.1 AS RAZÕES QUE JUSTIFICAM UMA ABORDAGEM PLURALISTA

No que tange as razões para o pluralismo, como pode ser constatado ao longo desse artigo, há uma variedade de tentativas de subsidiar e estimular uma conduta mais pluralista na pesquisa econômica e até

² Dobusch e Kapeller (2009) especulam que se os desenvolvimentos paradigmáticos de fato imitarem processos dependentes de trajetória, não será surpresa observar-se, ocasionalmente, mudanças muito rápidas relacionadas a uma ou mais das dimensões paradigmáticas.

mesmo no ensino. Os argumentos apresentados neste contexto podem ser classificados em três categorias: epistemológicas, ontológicas e metodológicas.

Em relação ao argumento epistemológico, ao assumir que a ciência visa fornecer um tipo de conhecimento de alguma forma superior a religião ou conversa informal, resulta que a ciência irá enganjar-se em algum tipo de classificação ou ordenação, isto é, tentará distinguir quais são as melhores explicações, mesmo reconhecendo que qualquer explicação é falível. Embora isso denote ausência de dogmatismo, deve-se atentar para a noção de que uma avaliação séria de explicações concorrentes exige que elas sejam mais ou menos uniformemente representadas e consideradas no discurso acadêmico (POPPER, 2002 [1935]). Segundo Dobusch e Kapeller (2009), essa uniformidade não é apurada na análise de citações, onde a mesma revela que os periódicos acadêmicos associados ao *mainstream* ignoram sistematicamente as contribuições heterodoxas. Essa constatação deve motivar propostas eticamente mais inclinadas para a liberdade de pensamento acadêmico, visando um pluralismo intelectual sob a forma de tolerância acadêmica, que também se baseie em considerações epistemológicas mais gerais.

Já no que diz respeito ao argumento ontológico, essa perspectiva enfatiza que os preconceitos dos pesquisadores em relação à natureza do assunto, da mente e da realidade, atua sobre como eles percebem e descrevem os objetos de pesquisa com os que operam nesses domínios (algumas vezes confusos e sobrepostos). A partir dessa convicção, é possível ter a consciência de que a realidade social é multifacetada e, portanto, compreender que a mesma requer uma variedade de perspectivas para ser adequadamente descrita e explicada (uma posição que também é fundamental para a abordagem babilônica de Sheila Dow (2005)).

O filósofo da ciência, Ronald Giere (1999), interpreta essa multiplicidade da realidade como um indicador da necessidade de uma diversidade de “mapas” para diferentes propósitos – como caminhar, dirigir um carro ou dirigir um barco, novamente apoiando a necessidade de uma perspectiva pluralista. Com efeito, pode ser que teorias, aparentemente diferentes e rivais, sejam, de fato, neutras ou contenham conjuntos complementares de afirmações, ao mesmo tempo em que respondem a questões diferentes. Nesse caso, uma luta cega por uma melhor resposta única levaria os pesquisadores a um erro, já que essencialmente implicaria em comparar “alhos com bugalhos”. A sensibilidade ontológica é, portanto, também um componente necessário de qualquer tentativa séria de diferenciar entre melhores ou piores explicações.

Quanto ao argumento metodológico, é fato que a plêiade dos métodos empregados nas investigações das áreas de ciências sociais como um todo revela o potencial de diversificação nas estratégias de pesquisa. Assim sendo, cada problema de pesquisa é único e exige seu próprio modo de ser estudado, uma vez que, em geral, o problema deve determinar o método, e não o contrário (DOW, 2008a; DAVIS, 2012). Entretanto, a prática demonstra que é muito mais fácil para os pesquisadores escolher uma estratégia apropriada entre um amplo conjunto de projetos metodológicos existentes, em vez de enfrentar novamente a seleção do melhor método a cada novo projeto de pesquisa.

Portanto, diante das razões expostas acima, argumenta-se que o pluralismo é um modo preferível de conduta científica por razões epistemológicas, ontológicas e metodológicas. Para concluir as observações preliminares à construção do metaparadigma pluralista, a seção seguinte distinguirá três tipologias diferentes do pluralismo na Economia.

4.2 AS TIPOLOGIAS DO PLURALISMO

A partir de uma perspectiva com maior abstração é possível refletir sobre três tipologias básicas do pluralismo, onde a distinção adviria do posicionamento das escolas de pensamento em relação a forma em que o pluralismo é delineado, o qual seria observado em níveis discursivos e teleológicos mais gerais. Assim sendo, denota-se as três tipologias da seguinte forma: a) pluralismo autocentrado; b) pluralismo despretenso e; c) pluralismo comprometido (DOBUSCH; KAPELLER, 2012).

À princípio existem várias formas de “pluralismo autocentrado”, onde o pluralismo no pensamento econômico é conceituado como uma solução transitória – um estado de questões aceitáveis em um determinado momento, mas que são julgadas como inferiores a uma abordagem onde a tradição teórica preferida possui influência paradigmática.³ Aqui, o pluralismo é um tipo de veículo retórico projetado para assegurar a sobrevivência de um paradigma particular, mas não para alcançar um discurso ecumênico ou

³ Alguns autores chamam a atitude que incluiu-se no pluralismo “autocentrado” de “pluralismo estratégico” (De Langhe, 2010; Sent, 2006; Van Bouwel, 2005).

qualquer tipo de integração teórica. Tal compreensão “oportunistamente” do pluralismo (que tem sido criticada por uma variedade de autores, dentre eles Holcombe (2008) e Van Bouwel (2005)) enxerga outras tradições dissidentes como “aliadas temporárias” contra a Economia *Mainstream*. Eventualmente, entretanto, ainda as perceberia como paradigmas concorrentes, de modo que sua interação principal com outras tradições dissidentes toma a forma de crítica mútua (na maioria dos casos, de maneira respeitosa).

A segunda tipologia, rotulada de “pluralismo despretenhioso” (ou “pluralidade”, em Bigo e Negro (2008)) pode ser caracterizado como um modo de coexistência entre diferentes tradições teóricas ou escolas de pensamento. Uma vez que tal compreensão incorpora uma determinada tolerância analítica com abordagens teóricas e metodológicas divergentes, ela também defende a coexistência de diferentes paradigmas dentro de uma determinada disciplina.

Esse tipo de pluralismo também é praticado em outras ciências sociais e, de acordo com Morgan e Rutherford (1998), foi incorporado à disciplina econômica durante os anos entre guerras. Disciplinas como a sociologia ou aquelas ligadas à área de gestão abrigam uma grande variedade de abordagens teóricas, em que os pesquisadores interagem principalmente com colegas que conduzem pesquisas na mesma tradição analítica. Portanto, outras abordagens teóricas são toleradas e criticadas apenas ocasionalmente, mas não há ambição de maior interação entre elas, ou mesmo para a integração de diferentes escolas. Da mesma forma, pesquisadores com um perfil mais tolerante, porém desinteressados (“despretenhosos”), carecem de ambições para conquistar certa disciplina por meio de uma luta paradigmática mais enfática, já que a sobrevivência da abordagem de sua preferência parece ser suficientemente garantida pela continuação do *status quo*.

Por fim, a terceira abordagem, denominada “pluralismo comprometido” – incorpora um esforço por interação construtiva entre diferentes tradições teóricas, a fim de chegar a um conjunto melhorado e expandido de declarações explicativas relevantes. Pode-se, portanto, encontrar dentro dessa abordagem uma série de sugestões para intensificar a interação entre diferentes tradições econômicas, enfatizando a importância do aumento da conscientização e respeito interparadigmático (HOPKINS, 2010), a necessidade de integração teórica (LAVOIE, 2006), ou a necessidade de estabelecer um concorrente paradigmático único (ou pelo menos unificado) para a Economia Neoclássica (DOBUSCH; KAPPELLER, 2009). Identificar os pontos fortes e fracos relativos das diferentes abordagens – assim como suas complementaridades potenciais – também se enquadra nessa categoria.

Cabem aqui algumas observações. Do ponto de vista conceitual, uma diferença que chama a atenção entre as duas últimas tipologias é que o “pluralismo despretenhioso” pode constituir uma estratégia de pesquisa adequada para disciplinas como a sociologia ou aquelas ligadas à área de gestão, onde parecem não existir paradigmas dominantes, mas sim um “guarda-chuva” disciplinar que une uma variedade de paradigmas. Já o “pluralismo comprometido” pode ser capaz de unir diferentes abordagens teóricas sob um “guarda-chuva” comum, gerando, assim, não um pluralismo de paradigmas, mas um metaparadigma pluralista.

Por várias razões apenas a tipologia do “pluralismo comprometido” representaria uma abordagem adequada e viável para a Economia Heterodoxa, em particular, e para os economistas dissidentes da ortodoxia (que atuam nos limites da Economia), de uma maneira geral. Compreende-se que essa tipologia é a mais compatível com todas as diferentes razões para o pluralismo até aqui discutidas, onde os argumentos dependem de uma interação consciente entre diferentes abordagens e, portanto, concordam menos com qualquer tipo de tolerância ou ausência de pretensão.

Existem outros dois aspectos que fortalecem a argumentação a favor de uma maior aceitação do “pluralismo comprometido”, especialmente no âmbito da Economia Heterodoxa. Ambos argumentos se referem aos diferenciais de poder inerentes aos conflitos entre paradigmas. Primeiro, a literatura sobre lutas paradigmáticas sugere que o número de concorrentes que desafiam um paradigma dominante é a variável mais decisiva para sua sobrevivência. Quanto mais concorrentes um paradigma dominante enfrentar, mais facilmente ele manterá sua posição superior, já que seus concorrentes estariam preocupados em lutar entre si em vez de confrontar seu oponente mais forte (e unido) (STERMAN; WITTENBERG, 1999).

Embora essa última afirmação decorra de uma abordagem bastante formal, baseada em técnicas de simulação, parece coincidir com as práticas econômicas heterodoxas contemporâneas descritas e criticadas

por Lavoie (2006). Quanto mais os economistas dissidentes são fragmentados e dispersos, menos poderosa é sua posição nas dimensões acadêmica e não acadêmica das lutas paradigmáticas.

Em segundo lugar, os economistas heterodoxos praticam principalmente o pluralismo da primeira e segunda tipologias, pois as contribuições da terceira são relativamente raras. Isso parece ser confirmado pela análise de citações em periódicos, a qual demonstra que a maioria das tradições heterodoxas se comunica ativamente com o *mainstream* citando muitas contribuições desta última, mas que os artigos *mainstream* praticamente negligenciam as vozes heterodoxas. Além disso, o *mainstream* pratica um tipo de “pluralismo interno”, onde os artigos citados vêm de origens altamente diversificadas, enquanto a interação entre escolas é muito mais rara na Economia Heterodoxa, onde os acadêmicos aparentemente se preocupam principalmente com suas próprias tradições. Isso faz com que as redes heterodoxas de citações pareçam “porosas” em comparação com as redes de citação da Economia *Mainstream* (DOBUSCH; KAPPELLER, 2009).

Em termos de análise de citações, a Economia Heterodoxa oscila entre o pluralismo “autocentrado” e “despretensioso”, enquanto o envolvimento com a tipologia “comprometido” se colocando de uma forma atípica. As avaliações dos periódicos, baseadas em citações, por sua vez, tendem a fortalecer ainda mais o poder das posições *mainstream* em termos de acesso a publicações e financiamento de pesquisa. Dada a importância crescente dos *rankings* dos periódicos na avaliação de atividades de pesquisa, o fortalecimento da interação entre economistas dissidentes de todos os tipos (ortodoxos e de escolas heterodoxas) parece ser uma condição *sine qua non* para uma sobrevivência acadêmica de longo prazo para eles.

Portanto, o imperativo para esses economistas dissidentes é produzir “pluralismo comprometido” (ou seja, um metaparadigma pluralista), em vez de promover o “pluralismo despretensioso” (isto é, um pluralismo de paradigmas). Diante do estado atual da ciência econômica, defende-se que apenas o primeiro detém o potencial para o sucesso da integração e diversificação. Além disso, adianta-se que apenas um metaparadigma pluralista parece ser totalmente compatível com as razões mais gerais para uma atitude pluralista na produção de conhecimento, incluindo a pesquisa em Economia. A próxima seção delinea alguns princípios centrais de criação e sustentação de um metaparadigma pluralista através de um *framework* para o “pluralismo comprometido” na Economia.

4.3 O METAPARADIGMA PLURALISTA

Esse artigo parte da ideia de que paradigmas são construções sociais (BERGER; LUCKMANN, 1966), ou seja, uma construção dos agentes econômicos que serve como instância para descrever, categorizar e avaliar todos os tipos de acontecimentos factuais ou mesmo processos. Isto permite reavaliar o uso do construto paradigma, eivado de preconceitos, pressuposições e, até mesmo, parcialidades.

Com relação ao termo “metaparadigma”, ele representa uma tentativa de mapear parâmetros gerais de uma disciplina científica e concentra-se nos esforços da construção de uma teoria do conhecimento na busca por uma melhor compreensão da realidade. Os metaparadigmas podem incluir vários paradigmas concretos e específicos para pesquisadores (MELEIS, 2011). A interpretação de metaparadigmas e as declarações fundamentais da razão de sua utilização facilita uma compreensão mais profunda das atitudes dos profissionais e fornece uma melhor apreciação do escopo das revistas científicas e de seus artigos (KIM, 2000).

A partir dessas considerações faz sentido reavaliar conscientemente a postura paradigmática corrente, que carrega uma pesada bagagem de preconceitos e pressuposições. O objetivo maior do metaparadigma pluralista é reverter tal situação e tornar este novo balizamento uma mudança sem empecilhos na prática. Logo, almeja-se substituir o conceito limitado de diferentes escolas de pensamento por uma concepção mais ecumênica de ciência na qual o entendimento mútuo tem prioridade no discurso científico. Esta concepção se apoia em Dow (2008a, p. 81, tradução nossa), “o cerne de um conjunto de fundamentos capaz de guiar a prática”, o que caracteriza as necessidades básicas de qualquer metaparadigma. Então, um metaparadigma nada mais é que um instrumento para exploração conceitual, expressado aqui através de um *framework*.

O Quadro 1, abaixo, ilustra como a concepção de metaparadigmas permite comparar diferentes escolas de pensamento ao longo das dimensões paradigmáticas destacadas dentro de uma determinada escola de pensamento, quais sejam: problema central, ontologia, epistemologia, metodologia, ideologia e objetivos políticos, e ramificações (outras teorias econômicas e outras disciplinas). Por motivos de limitações desse artigo, optou-se pela escolha de três escolas de pensamento, o que não exclui a possibilidade do *framework*

ser estendido para as demais escolas da Economia. Pelo mesmo motivo concentrou-se na utilização de algumas dessas dimensões paradigmáticas.

Dimensões paradigmáticas	Paradigma neoclássico	Paradigma evolucionista	Paradigma pós-keynesiano
Características Teóricas dos Paradigmas (“estilos” de pensamento)			
Problema Central	Escassez	Escassez Mudança Incerteza	Incerteza Desemprego
Ontologia	Individualismo metodológico	Emergentismo	Holismo
Epistemologia	Instrumentalista	Realista hipotético	Realista (relativo)
Metodologia	Sistema fechado	Sistema aberto	Sistema aberto
Ideologia e objetivos políticos	Liberal	Inovação	Social-democracia
Delineamento: ramificações, outras teorias econômicas e outras disciplinas	Economia Ambiental e de Recursos Teoria dos Jogos Economia da Informação Nova Economia Institucional Economia Comportamental	Darwinismo universal Neo-schumpeterianos Bioeconomia Economia da Complexidade	Fundamentalista Kaleckianos Sraffianos Institucionalistas Kaldorianos

Quadro 1. Framework: comparação conceitual estilizada de três paradigmas econômicos.

Fonte: Elaboração própria.

Reitera-se que apresentar um *framework* para a prática do pluralismo (“comprometido”) é importante e útil, porque resolve uma série de questões, como as levantadas por Robert Garnett:

O que exatamente nós defendemos como economistas heterodoxos? Quais são as nossas principais prioridades intelectuais? Somos guerreiros de paradigma, acima de tudo? Ou somos pluralistas, buscando promover tolerância e engajamento crítico entre diversos pontos de vista? (GARNETT, 2006, p. 521-522, tradução nossa).

Por um lado, permite responder as duas últimas questões em sentido afirmativo (o que normalmente seria considerado inconsistente, mas, se o próprio pluralismo é o prêmio pelo qual o “guerreiro-paradigma” luta, essas questões desaparecem). Por outro lado, o *framework* pluralista fornece respostas relativamente claras sobre as duas primeiras questões, sem impor qualquer visão teórica e metodológica específica sobre qualquer pesquisador.

Ao todo, a proposta de um metaparadigma pluralista de modo algum sugere uma postura relativista ou pós-modernista (BIGO; NEGRU, 2008; DE LANGHE, 2010; DOW, 2008a). Muito pelo contrário, a concepção de pluralismo aqui delineada contradiz a arbitrariedade pós-moderna de pelo menos três perspectivas.

Primeiro, rejeita a ideia de “vale tudo” (do ponto de vista epistemológico); nas palavras de Marqués e Weismann (2008, p. 117, tradução nossa) “o pluralismo deve respeitar a lógica, a consistência e a estabilidade dos significados dentro dos argumentos. [Eu] deveria cumprir as regras mínimas de boa argumentação: não vale tudo”. De fato, propõe-se uma busca sistemática por conhecimento, seja na forma de fatos ou regularidades.

Segundo, a consciência ontológica não implica aceitar certas proposições sem crítica, mas requer que os pré-requisitos para compreender e avaliar trabalhos com diferentes fundamentos ontológicos sejam atendidos.

Terceiro, tolerar hipóteses alternativas à preferida não exige um ponto de vista relativista. A premissa geral do falibilismo, isto é, reconhecer a possibilidade de que qualquer afirmação pode estar errada, deve assegurar um discurso tolerante, mesmo que leve apenas a discordância. A necessidade de polidez e respeito mútuo pode ser considerada uma premissa oculta neste argumento. No entanto, a proposta desse artigo pretende permitir que a “armada” mista de escolas de pensamento de diversas origens e importância,

transportando suas cargas divergentes, navegue em segurança nas turbulentas “águas” da pesquisa econômica, evitando tanto “a Scylla dos vínculos da cosmovisão modernista e mecânica quanto o Charybdis do relativismo e subjetivismo da alternativa desconstrucionista” (NELSON, 2003, p. 50, tradução nossa).

Um esclarecimento importante diz respeito ao papel de um *framework* tão pluralista vis-à-vis à Economia *Mainstream* atual. A concepção de pluralismo apresentada neste texto é, por definição, oposta à dominância paradigmática da Economia Neoclássica, mas, por sua própria natureza, também incorpora abordagens neoclássicas. Portanto, ela aceita pesquisas neoclássicas dentro de seus limites (SAMUELS, 1998), mas não a dominância institucional e teórica de qualquer abordagem única sobre toda a disciplina; assim sendo, é potencialmente aceitável tanto para dissidentes heterodoxos quanto para dissidentes *mainstream*. Desse modo, as “distorções causadas pelo uso de modelos centrados em torno do comportamento de escolha de agentes individuais, autônomos e egoístas” (NELSON, 2003, p. 49, tradução nossa) são primariamente um resultado do monismo ontológico. Dentro de um cenário pluralista é mais fácil, portanto, complementar ou desafiar tais abordagens, mas não excluí-las à priori.

A proposição apresentada de um metaparadigma pluralista não implica, por exemplo, quaisquer mudanças importantes no tratamento heterodoxo do *mainstream* atual, exceto um: os periódicos heterodoxos citam excessivamente os periódicos econômicos *mainstream*, ignorando em grande parte seus pares heterodoxos, especialmente àqueles que não pertencem ao seu próprio “subgrupo” (DOBUSCH; KAPPELLER, 2009). O objetivo do metaparadigma pluralista é mudar isso.

Assim sendo, a recomendação para os pesquisadores é dedicar menos tempo à Economia *Mainstream* (Ortodoxa) e, ao invés disso, dedicar esse tempo a outras escolas de pensamento, dissidentes. Pelo menos no que tange os economistas heterodoxos (inclusive também para alguns dos “dissidentes *mainstream*”), recomenda-se realocar o tempo de estudo do *mainstream* para o estudo das tradições heterodoxas; este seria um imperativo estratégico em face do impacto institucional dos *rankings* de citação. A heterodoxia deve criar uma rede de citação mais restrita ou arriscar-se a ser simplesmente superada em um futuro muito próximo. De uma perspectiva pluralista, parece bastante natural que a Economia Neoclássica receba tanta atenção quanto qualquer outra abordagem, mas não como acontece desproporcionalmente em relação a outras tradições.

Outro aspecto digno de nota, diz respeito à pergunta: como exatamente o “pluralismo comprometido” (metaparadigma pluralista) poderia incorporar a Economia Neoclássica? Sobre essa questão específica, David Colander e seus coautores, além de Robert Garnett (COLANDER; HOLT; ROSSER, 2004; GARNETT, 2006), fizeram uma contribuição importante para uma concepção pluralista da Economia, enfatizando que um diálogo entre diferentes escolas deve ser educado e, pelo menos, parcialmente construtivo. De uma perspectiva pluralista, deve-se tratar a teoria neoclássica como qualquer outra teoria, mesmo que tal imparcialidade seja difícil para muitos economistas heterodoxos implementarem, já que enfrentam contínuas e árduas batalhas com o atual *mainstream* (SAMUELS, 2000).

Por outro lado, alguns economistas dissidentes estão trabalhando fora da esfera heterodoxa. Esses economistas dissidentes do *mainstream* provavelmente acolheriam com agrado a possibilidade de ampliar as agendas de pesquisa por meio da diversificação do pensamento econômico, conforme previsto no *framework* proposto. E, a partir de uma postura pluralista consistente, não há base para uma exclusão ou degradação a priori de argumentos neoclássicos (embora, “oximoronicamente”, muitos autores proponham tanto em suas concepções de pluralismo) (DOW, 2008a; LAWSON, 2006).

Além disso, certamente é preciso admitir que nem todos os elementos do pensamento neoclássico estão necessariamente errados, ou são perigosos ou inaplicáveis (KING, 2012). Outra questão é que ideias divergentes podem influenciar a prática ortodoxa, como tem sido evidenciado, pelo menos na visão de alguns, pela introdução da regra de Taylor na política monetária, em que os bancos centrais tentam controlar a taxa de juros em vez da oferta monetária (KING, 2012). Parece provável que tal influência seja mais eficaz quando aplicada de maneira educada e construtiva, e quando formulada em uma linguagem que facilite a compreensão mútua. Tem-se aqui, a partir das ideias de Colander, Holt e Rosser (2010), que a busca por um discurso a nível da política econômica poderia se mostrar mais frutífero (e também mais pluralista) do que a abordagem “clássica” de invocar debates teóricos fundamentais. Ainda assim, isso não será abordado nesse artigo.

4.4 INTEGRAÇÃO, DIVERSIFICAÇÃO, COMPARAÇÃO E INTERCÂMBIO A PARTIR DO FRAMEWORK PLURALISTA: OPERANDO O METAPARADIGMA

Conforme o subitem 3.2, enquanto o “pluralismo despretenso” implica abordagens fragmentadas e divergentes, é possível associar a tipologia do “pluralismo comprometido” à integração de diferentes escolas de pensamento (BIGO; NERU, 2008). Mas o que uma busca pela integração implica para a prática da pesquisa, em geral, e pesquisadores individuais, em particular? Apesar de desenvolver o conceito de um metaparadigma pluralista a partir de uma perspectiva empiricamente descritiva, essa questão tem implicações além da esfera normativa. A viabilidade de qualquer *framework* para o “pluralismo comprometido” também depende de sua capacidade de informar a conduta prática de indivíduos e grupos de pesquisa dentro da disciplina econômica, levando em conta as restrições institucionais existentes para um pluralismo.

Assim sendo, irá se discutir uma possível via de empreender o metaparadigma pluralista, para aplicações no *framework* pluralista projetado no subitem 3.3. As aplicações se baseiam nas diferenças e semelhanças destacadas nas dimensões desse *framework* entre as escolas de pensamento que foram selecionadas. No entanto, em teoria, os mesmos argumentos também se aplicam a outras escolas de pensamento.

À partir do argumento de Lee (2010, p. 19, tradução nossa) de que o pluralismo implica “engajamento em diferentes abordagens heterodoxas”, é possível pressupor que o dito engajamento poderia se dar de maneira mais fértil em cima das dimensões propostas no *framework* pluralista. Entretanto, pensando de forma mais abrangente do que expôs Lee (2010), uma análise, observando diferenças e semelhanças, permitem a comparação das dimensões paradigmáticas entre diferentes paradigmas da Economia. Portanto, a utilização de condutas pluralistas entre as diversas dimensões paradigmáticas, que compõem as várias escolas do pensamento econômico, poderia ser entendida como prática complementar de pesquisa.

Dependendo da relação entre tais dimensões paradigmáticas, podemos adotar classificações que as identifique com possibilidades de estabelecer comparações entre diferentes paradigmas da Economia. Quando determinadas dimensões não apresentam substanciais diferenças e são, portanto, idênticas, ou lidam de maneira teoricamente convergente com fenômenos complementares, tentar uma integração teórica parece ser a estratégia lógica a ser seguida. William Waller (2010, p. 54, tradução nossa), referindo-se à integração teórica sob o rótulo de “convergência”, enfatiza até mesmo que “diferentes vertentes do pensamento econômico tomam emprestadas umas das outras o tempo todo” e enumera várias instâncias para a integração (potencial) entre diferentes paradigmas heterodoxos.

Com relação às dimensões paradigmáticas: problema central, ontologia, epistemologia, metodologia e delineamento, destaca-se que os aspectos ligados a essas dimensões no que concerne aos paradigmas evolucionista e pós-keynesiano, se encaixam em três taxonomias, quais sejam: idêntica, convergente e compatível. Ainda assim, em alguns casos algumas das dimensões citadas podem não se integrar, levando nesse caso a uma divisão de trabalho entre essas escolas de pensamento.

Em relação a ideia de divisão do trabalho, essa estratégia também se aplica quando as dimensões lidam com fenômenos completamente não relacionados e são, portanto, neutras em relação umas às outras. Esse seria o caso da dimensão “problema central” entre os paradigmas neoclássico e evolucionista, especificamente no que tange aos aspectos da “escassez” e “mudança”. Assim sendo, demonstra-se como uma dimensão intrinsecamente “neutra”, quando comparada entre duas escolas, pode ser utilizada como complementar através da divisão do trabalho, o que eventualmente leva a uma diversificação de conceitos teóricos e metodológicos. Nesses casos, é fácil ver como, em muitos aspectos, diferentes tradições econômicas são muito mais complementares do que competitivas.

Incompatibilidade entre dimensões paradigmáticas, por outro lado, pode vir em formas divergentes ou contraditórias. No primeiro caso, dimensões que se julgam complementares são (aparentemente) incompatíveis e, como na comparação de dimensões neutras, explorar aspectos divergentes pode promover a diversificação teórica através da recombinação de enunciados extraídos de diferentes contextos teóricos.

Obviamente, também é necessário algum trabalho para reconciliar dimensões contraditórias, como é o caso da epistemologia empregada pelo paradigma neoclássico e aquela empregada pelos paradigmas evolucionista e pós-keynesiano.

Entretanto, compreende-se que integrar as posições dessas escolas de pensamento é uma tarefa árdua. Suas posições parecem divergentes na terminologia oferecida. No entanto, uma investigação completa da

questão pode resultar em uma diversificação de ideias ou em uma imagem mais aparente da relação exata entre os pressupostos teóricos de cada tradição.

Finalmente, as dimensões quando divergentes e contraditórias poderiam ser operacionalizadas na forma de um teste empírico de hipóteses conflitantes. Robert de Langhe (2010) menciona a possibilidade de um pluralismo antagônico em que diferentes pontos de vista são sempre percebidos como afirmações opostas, negligenciando a possibilidade de integração construtiva. No entanto, pode-se argumentar que tal “acordo para discordar” poderia ser produtivo para a pesquisa se as alegações de diferentes tradições fossem claramente antagônicas e, por sua vez, colocadas em um teste empírico.

No geral, defende-se o reconhecimento de relações antagônicas, especificamente onde é nitidamente demonstrado que duas afirmações são contraditórias e onde evidências empíricas podem, pelo menos, guiar um julgamento justo. No entanto, nota-se que a maioria das disputas internas dentro da comunidade da própria heterodoxia não é desse tipo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo demonstrou ser possível sustentar a tese de um *framework* pluralista que apoie a gênese de um metaparadigma contemplando as diversas escolas de pensamento da ciência econômica. Através da eleição de três escolas de pensamento, neoclássica, pós-keynesiana e evolucionista, além do recorte de algumas dimensões paradigmáticas (escolhas essas por questões de limitação de tempo da pesquisa), apresentou-se um *framework* pluralista. Esse metaparadigma sintetizou a diversidade conceitual e metodológica dessas escolas de pensamento, onde a ideia central por trás é que as idiosincrasias específicas de um paradigma podem ser substituídas de forma consciente e sucessiva por princípios pluralistas. Dessa forma, estes princípios podem ser formulados de maneira não dogmáticas e ecumênicas, na qual o entendimento mútuo tem prioridade no discurso científico, e com isso orientar futuras pesquisas da ciência econômica, buscando encontrar de fato um diálogo entre as suas escolas de pensamento.

Outra conclusão a que se chegou foi que ao comparar as dimensões paradigmáticas das três escolas de pensamento encontrou-se a possibilidade de suas afirmações teóricas serem idênticas, convergentes ou compatíveis, acarretando em um processo de integração teórica. Outra possibilidade é que suas afirmações fossem neutras, o que concomitantemente com a integração remeteria a divisão do trabalho e, por conseguinte, a diversificação. Ainda assim, as afirmações podem ser divergentes ou contraditórias, o que acarretaria em um teste de hipóteses conflitantes e, em seguida, levaria a diversificação. Portanto, ficam patentes as estratégias e práticas de uma pesquisa pluralista, fruto de um metaparadigma. Essas estratégias visam empreender o metaparadigma através do uso do *framework* pluralista.

É importante afirmar que a construção do *framework* pluralista para a concepção do metaparadigma proposto obviamente não foi testado na prática, o que se coloca como problemática para estudos futuros.

Por fim, também pode-se citar como problemática para futuras pesquisas uma recente tendência de junção do Direito com a Economia, gerando a Economia do Direito em suas distintas conotações, em que a Economia Marxista e a Escola de Chicago apresentam um conflito bem definido. Mais, no âmbito do Direito há um conceito de paradigma distinto do econômico, que coloca como problemática a existência de um pluralismo único ou a multiplicidade de pluralismos.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **The Social Construction of Reality: A Treatise in the Sociology of Knowledge**. New York: Doubleday, 1966.

BIGO, Vinca; NEGRU, Ioana. “From Fragmentation to Ontologically Reflexive Pluralism”. **Journal of Philosophical Economics**, v. 1, n. 2, p. 127-150, 2008.

COLANDER, David, HOLT, Richard P.; ROSSER, J. Barkley. “The Changing Face of Mainstream Economics”. **Review of Political Economy**, v. 16, n. 4, p. 485-499, 2004.

COLANDER, David, HOLT, Richard P.; ROSSER, J. Barkley. “How to Win Friends and (Possibly) Influence Mainstream Economists”. **Journal of Post Keynesian Economics**, v. 32 (3), p. 397-408, 2010.

- DAVIS, J. **Samuels on Methodological Pluralism in Economics**. Department of Economic, Working Paper 2012-01, Marquette University, Milwaukee, 2012.
- DE LANGHE, Robert. "How Monist Is Heterodoxy?" **Cambridge Journal of Economics**, v. 34, n. 4, p. 793-805, 2010.
- DEQUECH, David. "Neoclassical, Mainstream, Orthodox, and Heterodox Economics". **Journal of Post Keynesian Economics**, v. 30, n. 2, p. 279-302, 2007-2008.
- DOBUSCH, Leonhard; KAPELLER, Jakob. "Why Is Economics Not an Evolutionary Science? New Answers to Veblen's Old Question". **Journal of Economic Issues**, 43, 4, p. 867-898, 2009.
- DOBUSCH, Leonhard; KAPELLER, Jakob. "Heterodox United vs. Mainstream City? Sketching a Framework for Interested Pluralism in Economics". **Journal of Economic Issues**, 46, 4, p. 1035-1057, 2012.
- DOW, Sheila C. "Structured Pluralism". **Journal of Economic Methodology**, v. 11, 3, p. 275-290, 2004.
- DOW, Sheila C. "Axioms and Babylonian Thought: A Reply". **Journal of Post Keynesian Economics**, 27, 3, p. 385-391, 2005.
- DOW, Sheila C. "Plurality in Orthodox and Heterodox Economics". **Journal of Philosophical Economics**, 1, 2, p. 73-96, 2008a.
- DOW, Sheila C. "A Future for Schools of Thought and Pluralism in Heterodox Economics". In J.T. Harvey and R.F. Garnett, Jr. (eds.) **Future Directions for Heterodox Economics**, p. 9-26. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2008b.
- FLECK, Ludwik. **The Genesis and Development of a Scientific Fact**. Chicago: University of Chicago Press, [1935] 1979.
- FULLBROOK, Edward. **The crisis in economics - the post-autistic economics movement: the first 600 days**. London; New York: Routledge, 2003.
- GARNETT, Robert. "Paradigms and Pluralism in Heterodox Economics". **Review of Political Economy**, 18, 4, p. 521-546, 2006.
- GARNETT, Robert; OLSEN, Erik K.; STARR, Martha. **Economic Pluralism**. London: Routledge, 2010.
- GIERE, Ronald N. **Science without Laws**. Chicago: Chicago University Press, 1999.
- HODGSON, Geoffrey; MÄKI, Uskali; MCCLOSKEY, Donald. "A Plea for a Rigorous and Pluralistic Economics". **American Economic Review**, v. 82, n. 2, p. xxv, 1992.
- HOLCOMBE, Randall G. "Pluralism versus Heterodoxy in Economics and the Social Sciences". **The Journal of Philosophical Economics**, v. 1 (2), p. 51-72, 2008.
- HOPKINS, Barbara. "The Institutional Barriers to Heterodox Pluralism". **Review of Radical Political Economics**, v. 42, 3, p. 338-343, 2010.
- KIM, H. S. "An integrative framework for conceptualizing clients: A proposal for a nursing perspective in the new century". **Nursing Science Quarterly**, v. 13, n. 1, p. 37-40, 2000.
- KING, John E. "Post-Keynesians and Others". **Review of Political Economy**, v. 24 (2), p. 305-319, 2012.
- KLAES, M. "Evolutionary Economics: In Defence Of 'Vagueness'". **Journal of Economic Methodology**, v. 11, n. 3, p. 359-376, 2004.
- KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, [1962] 2003.
- LARUE, Louis. "A defense of reasonable pluralism in economics". **Journal of Economic Methodology**, v. 1, p. 1-15, 2022.
- LAVOIE, Marc. "Do Heterodox Theories Have Anything in Common? A Post-Keynesian Point of View". **European Journal of Economics: Intervention**, v. 3, 1, p. 87-112, 2006.
- LAWSON, Tony. "The Nature of Heterodox Economics". **Cambridge Journal of Economics**, v. 30, n. 4, p. 483-505, 2006.
- LEE, Frederic S. "Pluralism in Heterodox Economics". In: **Economic Pluralism**, (eds) Robert Garnett; Erik K. Olsen; Martha Starr, p. 19-35. London: Routledge, 2010.

- MÄKI, U. "The one world and the many theories". In: Salanti e Scrapanti (Org.) **Pluralism in Economics: new perspectives in history and methodology**. Cheltenham: EAEPE & Edward Elgar, p.37-47, 1997.
- MARQUÉS, Gustavo; WEISMAN, Diego. "Not anything goes: a case for a restricted pluralism". *The Journal of Philosophical Economics*, v. 2 (1), p. 115-136, 2008.
- MELEIS, Afaf Ibrahim. **Theoretical nursing: Development and progress** (5th ed.). Philadelphia, PA: Lippincott Williams & Wilkins, 2011.
- MORGAN, Mary; RUTHERFORD, Malcolm. **From Interwar Pluralism to Postwar Neoclassicism**. Annual Supplement to Volume 30. History of Political Economy. Durham: Duke University Press, 1998.
- NELSON, Julie A. "Confronting the Science/Value Split: notes on Feminist Economics, Institutionalism, Pragmatism and Process Thought". *Cambridge Journal of Economics*, v. 27 (1), p. 49-64, 2003.
- POPPER, K. R. **The Myth of the Framework: In Defence of Science and Rationality**. Routledge: London, 1994.
- POPPER, K. R. **The Logic of Scientific Discovery**. London: Routledge, [1935] 2002.
- SAMUELS, Warren J. "Methodological Pluralism". In **Handbook of Economic Methodology**, (eds.) John B. Davis; D. Wade Hands; Uskali Mäki, p. 300-303. Cheltenham (UK): Edward Elgar, 1998.
- SAMUELS, Warren J. "Institutional Economics after One Century". *Journal of Economic Issues*, v. 34 (2), p. 305-315, 2000.
- SENT, Esther-Mirjam. "Pleas for Pluralism". In **Real World Economics: a Post-Autistic Economics Reader**, edited by Edward Fullbrook, p. 177-184. London, 2006.
- STERMAN, John D.; WITTENBERG, Jason. "Path Dependence, Competition, and Succession in the Dynamics of Scientific Revolution". *Organization Science*, v. 10, 3, p. 322-341, 1999.
- VAN BOUWEL, Jeroen. "Towards a Framework for Pluralism in Economics". *Post Autistic Economics Review*, n. 31, 2005.
- WALLER, William T. "Is Convergence among Heterodox Schools Possible, Meaningful, or Desirable?" In **Economic Pluralism**, Robert Garnett, Erik K. Olsen and Martha Starr (eds.), p. 48-60. London: Routledge, 2010.